



EDITORIAL

Vol. 20, n. 36. 2023

Hegel de uma perspectiva intercultural: Hegel e a Índia

Lucas Nascimento Machado*

Talvez não houvesse momento mais oportuno para este dossiê vir a público do que agora, em que observamos surgir uma discussão acalorada, entre os pesquisadores de filosofia no país, sobre os rumos que a pesquisa em filosofia está tomando e deveria tomar. Diante das críticas a grandes autores da história da filosofia, críticas que apontam para dimensões colonialistas, eurocentristas e mesmo, pura e simplesmente racistas de seus pensamentos, como pensar o próprio estudo desses autores? Será que deveríamos continuar a estudá-los, considerando que, seja qual for a dimensão de racismo presente neles, isso não deve interferir em nossa avaliação e compreensão de seu pensamento filosófico, cuja validade não seria afetada? Ou será que devemos considerar suas ideias irremediavelmente contaminadas e maculadas pelo racismo expresso por tais autores, e, mais ainda, pelo exercício do colonialismo que teria se dado por meio de suas ideias, de modo que melhor seria repensarmos o próprio cânone da filosofia de modo que dispense até mesmo o estudo desses autores?

Talvez também sejam poucos os filósofos sobre os quais se coloca tanto esse tipo de pergunta quanto em relação ao filósofo que é o tema deste dossiê, G.W.F. Hegel. Por um lado, suas ideias teriam contribuído decisivamente para a compreensão que temos hoje da história da filosofia, para o modo com que pensamos a liberdade e as condições históricas e políticas para sua realização, e para a nossa compreensão da história da humanidade e dos mecanismos e processos pelos quais ela se desdobraria. Por outro, sua exclusão do cânone da história da filosofia de todas as tradições de pensamento não-ocidentais, suas formulações sobre a inferioridade intelectual das culturas orientais, e o

* Doutor em Filosofia pela Universidade de São Paulo. Diretor da Associação Latino-Americana de Filosofia Intercultural (ALAFI). E-mail: lucasmachado47@gmail.com.



seu racismo por vezes explícito sobre os povos africanos, levantariam hoje a questão sobre até que ponto se poderia separar as ideias do filósofo dele próprio, e o quanto do seu pensamento poderia permanecer atual e relevante hoje, apesar das perspectivas eurocêntricas e mesmo racistas formuladas por ele.

Nesse contexto, a recepção por parte de Hegel da cultura e pensamento indianos se mostra como um interessante caso de estudo. Isso porque a recepção de Hegel da cultura e pensamento indianos passa por uma série de oscilações ao longo do tempo, que parecem se dever, ao menos em parte, ao fato de Hegel encontrar, por um lado, elementos nesse pensamento com aprofundas afinidades com o seu próprio, e, por outro, à necessidade, estabelecida pela sua filosofia da história e pela sua história da filosofia, de inserir a cultura indiana em um estágio determinado do continuum do desenvolvimento da história e do conhecimento humano. E talvez seja nessa oscilação que se encontre um dos elementos mais interessantes para pensar a tensão entre estudar a sério um filósofo e reconhecer elementos racistas e discriminatórios presentes em sua obra. Afinal, em certo sentido, talvez nada seja mais hegeliano do que a perspectiva segundo a qual *o pensamento se pensa através de nós e, ao mesmo tempo, apesar de nós*. Aqui, não podemos aceitar a falsa dicotomia entre estudar um autor, desconsiderando o impacto que seus pressupostos discriminatórios podem ter em suas ideias, ou deixar de estudá-lo, considerando que, se os pressupostos discriminatórios afetam de alguma maneira suas ideias, então, essas ideias devem ser completamente descartadas. Antes, pensamos ser fundamental reconhecer que *ideias não têm dono*. As ideias e o pensamento têm uma vida própria, nos conduzindo, à nossa revelia, a conclusões que conflitam com os pressupostos que adotamos inicialmente e obrigando-nos, muitas vezes, a repensá-los. É possível, assim, não negar a dimensão discriminatória no pensamento do autor, e nem mesmo negar a influência que ela tem em suas ideias, e, ao mesmo tempo, reconhecer e observar um movimento no qual as próprias ideias do autor tensionam consigo mesmas, pois aquilo que nos leva a elas nem sempre é aquilo a que somos levados por meio delas. Estudar, então, a recepção que Hegel faz da cultura e pensamento indianos torna-se um caminho privilegiado, tanto para reconhecer as dimensões de fato eurocêntricas do pensamento hegeliano, e formular uma crítica consequente a elas, como para, ao mesmo tempo, reconhecer, no âmago do pensamento hegeliano, tendências e inclinações que, se pensadas em suas últimas consequências,

abririam, mesmo *à revelia do autor*, perspectivas bastante distintas no modo com que pensamos a filosofia e sua história. Nesse espírito, o presente dossiê se mostra como uma preciosa via de introdução ao estudo da relação entre Hegel e a cultura indiana, na riqueza de suas tensões, contradições e oscilações.

Começamos com o artigo de Roberto de Andrade Martins — um dos primeiros pesquisadores no Brasil a escrever sobre o tema —, *A crítica de Hegel à filosofia da Índia*, um artigo que não poupa críticas à perspectiva de Hegel sobre a Índia, que, baseada em muito poucas fontes, pretende poder emitir um julgamento sobre a cultura indiana como um todo, não apenas no momento de sua recepção por Hegel, mas na totalidade de sua história. Apesar de se poder pensar que a crítica de Martins é por vezes excessivamente contundente, ela cumpre um papel central, diante da perspectiva corrente hoje sobre a filosofia e sua história: a de mostrar que as teses de Hegel acerca da história da filosofia, e da existência ou não de filosofias orientais e da filosofia indiana em particular, são tudo, menos verdades autoevidentes, de modo que devemos nos interrogar sobre suas fontes e sobre as evidências que de fato as sustentariam.

Na sequência, com o artigo de Dilip Loundo, *A Sombra que perturba o Espírito: a Índia e o Bhagavad Gītā na obra de G. W. Hegel*, vemos um artigo que, em linha de continuidade com o artigo de Martins, busca avaliar a pertinência das críticas de Hegel à filosofia indiana, ao mesmo tempo em que complexifica o debate, mostrando como a própria recepção que Hegel faz da filosofia indiana passa por alterações, de modo que, em seu período de maturidade, Hegel parece se mostrar cada vez mais disposto a reconhecer a presença de uma racionalidade profunda e genuinamente filosófica no pensamento indiano. O artigo de Loundo é de grande valia para nosso dossiê, precisamente por fornecer elementos que nos permitem ver a tensão presente no pensamento do próprio Hegel sobre a Índia, e observarmos, portanto, esse momento em que o pensamento se pensa *à revelia do próprio autor*.

Nesse sentido, o artigo de Danillo Costa Lima e Rian Vieira Lobato, *Hegel e o Trinitarianismo entre o Cristianismo e o Hinduísmo: um novo olhar a partir do Śaivism* se mostra de muita relevância, pois aponta, justamente, como, *à revelia de Hegel*, e da leitura que este faz do Trimūrti, da Santíssima Trindade hinduísta, poder-se-ia encontrar, na tradição filosófica indiana do Śaivism, uma compreensão dessa trindade que já antecipa e responde objeções como as de Hegel, o que leva, por fim, a uma compreensão

religiosa e filosófica da trindade com muitas afinidades com a dele próprio. O artigo de Lima e Lobato, em conexão com o de Martins e Loundo, nos lembra como, muitas vezes, as formas de pensamento mais criticadas por um filósofo podem ser aquelas que são *profundamente próximas* e, ao mesmo tempo, *especificamente distintas*, de modo a representarem uma *alternativa* ao seu próprio pensamento e, assim, posarem um verdadeiro *desafio* a ele.

Acrescentando mais uma camada à reflexão sobre as relações de proximidade e diferença entre a filosofia hegeliana e a indiana, no artigo de Leonardo Alves Vieira, *Discurso e realidade: um diálogo entre Hegel e Nāgārjuna sobre atos perceptivos*, observamos uma abordagem que, independentemente das teses do próprio Hegel sobre a filosofia indiana, explora os possíveis diálogos, divergências e convergências que haveria entre a filosofia de Hegel e a filosofia de Nāgārjuna (filósofo indiano budista de por volta de 150-250 EC), sobretudo no que diz respeito à possibilidade do discurso dizer o real. O artigo de Vieira é preciosíssimo, uma vez que, discutindo as relações entre ideias e pensamentos de filósofos aparentemente tão distintos e distantes historicamente, nos lembra, justamente, de como *ideias não têm dono*, e um diálogo filosófico é possível mesmo ali, onde os próprios autores discutidos não teriam vislumbrado a possibilidade desse diálogo, sobretudo quando estes filósofos, apesar da distância que os separa, *partilham de problemas filosóficos comuns* e, por isso, se entrecruzam em seus modos de responde-lo.

Quer pensemos nas possíveis proximidades, quer nas distâncias que separam o pensamento de Hegel da filosofia indiana, em seu artigo *Hegel e a Índia: Os sonhos do idealismo alemão explicados pela “terra dos sonhos”*, Francisco José da Silva discute um tema central para a compreensão da recepção que Hegel faz da Índia: o quanto a compreensão que os filósofos alemães tinham da cultura indiana à época de Hegel era, na verdade, profundamente carregada das projeções que eles faziam, a partir de suas próprias filosofias, sobre essa cultura, quer para encontrar nela identidades, quer para contrapô-la a si como seu outro. O artigo de da Silva nos lembra de um tema que jamais pode deixar de lado, ao se discutir a recepção da filosofia indiana à época de Hegel: o tema do orientalismo, do estudo institucionalizado da Oriente na Europa que, de muitas maneiras, opera por projeções, quer da identidade, quer da diferença em relação a si, e, portanto, comete o equívoco de compreender o outro tomando como referencial central

a si próprio. O trabalho de da Silva convida a uma reflexão sobre quais seriam os limites e possibilidades da compreensão do outro e, portanto, da tradução das ideias e do pensamento do outro em termos que sejam compreensíveis para nós.

Diante disso, o artigo de Nina Auras, *Hegel entre a renúncia aos frutos da ação e a individualidade viva*, se mostra inestimável, uma vez que analisa a forma com que o próprio Hegel discute o problema da tradução e possibilidade de se compreender o pensamento, a estética e a religiosidade indiana por meio de termos especificamente europeus. Segundo Auras, tal dificuldade de tradução acaba impondo uma tensão à reflexão hegeliana: em que medida seria possível fazer uma hierarquização dos povos e culturas, se essa mesma hierarquização, partindo de um ponto de vista europeu, não se encontra em condições de compreender as outras culturas em seus próprios termos e, assim, fornecer uma avaliação adequada delas? Talvez, no artigo de Auras, se mostre um dos momentos em que há mais tensão entre as ideias de Hegel, que, à sua revelia, nos levariam a questionar os limites de sua perspectiva europeia: afinal, como conciliar o reconhecimento da limitação, inclusive de caráter linguístico, da compreensão europeia sobre outras culturas, com a afirmação, feita, a partir de uma perspectiva europeia e, ao mesmo tempo, com pretensões de ter uma validade universal e objetiva, da superioridade europeia em relação a outras culturas? Se, como aponta Auras, a reflexão de Hegel sobre esse tema permanece, ela mesma, apenas em seu estágio inicial, dado o seu falecimento pouco depois dele começar a esboçar tais reflexões, isso só torna mais relevante, então, continuarmos essa reflexão, a partir de suas ideias e, de alguma forma, à revelia do próprio Hegel e, sobretudo, de seu próprio eurocentrismo.

Sendo assim, nosso dossiê conclui fornecendo duas ferramentas fundamentais para que possamos dar continuidade a essa reflexão: a primeira, nada menos do que a tradução do próprio texto de Hegel sobre a Bhagavad-Gita, tradução também de autoria de Nina Auras. Por meio dessa tradução completa do texto, inédita no país, convidamos todos os leitores a buscarem se aprofundar por si mesmos no tema do dossiê, descobrindo como a recepção que Hegel faz da Índia em seu pensamento pode ser um elemento fundamental para a compreensão de seu pensamento e nos levar além das perspectivas que, quer se posicionando a favor de Hegel, quer contra ele, julgam ser lugar comum que Hegel tenha, apenas, descartado “sumariamente” a existência da filosofia indiana.

Em segundo lugar, por fim, concluímos o dossiê com a resenha de Gabriel Martino do livro de Tola e Dragonetti, *Filosofia de la India. Del Veda al Vedānta. El sistema Sāṃkhya. El mito de la oposición entre “pensamiento” indio y “filosofía” occidental*. Tal resenha se mostra como uma ferramenta preciosíssima para a reflexão continuada acerca do tema de nosso dossiê, uma vez que mostra como os autores do livro não apenas submetem a uma crítica minuciosa e criteriosa a perspectiva de Hegel sobre a filosofia indiana, mas também oferecem uma introdução riquíssima às tradições filosóficas indianas, por meio da qual, para parafrasear o título do próprio livro, pode-se superar o mito, de origem orientalista, da mera oposição entre “pensamento indiano” e “filosofia ocidental”. Esperamos que, assim, o dossiê contribua para possibilitar um verdadeiro diálogo intercultural entre diferentes tradições filosóficas, e convidamos todos os leitores a se aventurarem no estudo desse tema, não apenas pelo quanto ele pode contribuir para compreensão do próprio Hegel, mas, sobretudo, pelo quanto ele contribui para a expansão de nossos horizontes filosóficos, hoje, para além de vieses eurocêntricos, que empobrecem a reflexão filosófica ao descartarem sumariamente (e de uma maneira que nem o próprio Hegel teria feito), o valor filosófico de tradições não-europeias. Esperamos, inclusive, no futuro organizar outras iniciativas que abordem a relação da filosofia de Hegel com outras tradições não-europeias, a fim de enriquecer ainda mais esse debate, de modo que se mostre como a perspectiva eurocêntrica sobre a filosofia falseia nossa visão sobre as tradições não-europeias, mas sobre as próprias tradições europeias, ocultando o quanto a troca com outras culturas foi indispensável para a constituição dessa mesma tradição, e para a filosofia de alguns de seus maiores expoentes.

Encerramos, então, desejando a todos uma ótima leitura!

LUCAS NASCIMENTO MACHADO